

CADERNO DE POESIA RESISTÊNCIA: 10 ANOS SEM O POETA AFFONSO ÁVILA

PEDRO ÁVILA¹

A língua é fascista, como diria Barthes, uma vez que nos impõe o que e como pensar o mundo. Mais especificamente a Língua Portuguesa foi um instrumento colonizador nas mãos dos portugueses, servindo para difundir seus valores e crenças, as quais incluíam seu direito (disfarçado de dever) de dominar e subjugar povos americanos e africanos. Afinal, sem escrita, ou como será formulado posteriormente, sem literatura, não é possível que um povo possua História. A dominação, exploração e eliminação daquilo que é diferente são aspectos centrais do colonialismo, os quais o fascismo herdaria na Europa do século 20, promovendo horrores similares aos que embarcaram com as pombas e caramujos ibéricos 500 anos atrás com portugueses para terras brasileiras. Afinal, o que o fascismo propôs foi parte da Europa colonizar o resto do continente tal qual nações europeias como França e Inglaterra vinham fazendo há séculos com o resto do mundo.

Talvez haja algo de fato fascista na maneira com que a língua recorta e delimita como seus falantes enxergam e delimitam o mundo a seu redor. Mas e quanto à literatura? Seria a literatura fascista? Barthes concluiu sua primeira aula para o Collège de France, em 1978, dizendo que “o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer”. O português não nos proíbe pensar além do masculino e feminino, ele nos obriga a delimitar todos os seres existentes, sejam humanos ou não, animados ou não, como masculinos ou femininos. Mas o que seria a literatura se não o espaço em que podemos ir além das amarras da língua? Através da função poética, podemos fabular novas formas de ser, estranhificar as palavras e seus sentidos, tirando a língua de sua pragmática corrente, como sugere Chklovski, ou fundar novos termos para coisas novas, neologismos, trocadilhos, que encontram associações semânticas ou significados ocultos em semelhanças sonoras. A literatura, especialmente a poesia, com sua potência sintética e heterogênea, possui a possibilidade de conter “entre um grão qualquer, pedra ou indigesto/ um grão imastigável, de quebrar dente”, como diria João Cabral de Melo Neto, um grão que resiste à compreensão obrigatória e clara (fascista) da língua, subvertendo e “desafinando o coro dos contentes”, como canta Jards Macalé a letra de outro neto, Torquato.

Com certeza, em países como o Brasil, a literatura possui páginas de sangue, tendo servido de ferramenta colonialista em prol da destruição e assimilação cultural. Mesmo escritores coloniais que buscaram se distinguir das artes metropolitanas, buscando uma essencialidade brasileira, acabaram por cair na armadilha de criar algo nacionalista a partir de moldes da metrópole. Contudo, como tudo que possui potência criadora e transformadora é contraditório, a língua é também uma forma de resistência, como a literatura. Silviano Santiago ressaltou nosso inerente entre-lugar literário na América Latina, nem completamente locais, pois colonizados, muito menos metropolitanos, sugerindo que é no trabalho dessas contradições que a arte latino-americana demonstra seu poder. Através do pastiche, da paródia e dos jogos de sentido, ou da incorporação de elementos e signos de outras línguas, a literatura pode reorganizar a língua colonizadora, subvertendo sua lógica colonialista. Assim, a língua que ajudou a massacrar povos e eliminar formas de conhecimento do mundo alheias também pode ser usada por nós contra ela própria.

No final de 2022, o Brasil parece voltar a respirar um pouco mais aliviado. Mas a luta não acabou, nunca acaba. Os discursos fascistóides se alastraram e se estabeleceram na mente e nos corações de tantos brasileiros, os quais ainda desejam levar o Brasil de volta aos porões da ditadura militar de 64-85. Além de todo o desmonte político, industrial, cultural, etc., que vem sendo promovido desde o golpe de 2016, muitos ainda se encantam com uma idealização de um dos períodos mais sombrios de nossa História, o qual pessoas como Affonso Ávila, fundador da Revista Barroco, lutaram contra, em prol de construir um Brasil soberano, democrático e de todos. Nesse momento histórico em que passamos, os claros e escuros da poesia neobarroca de Ávila nos impelem a iluminar algumas vozes brasileiras, do passado remoto ao recente, ao presente, que seguem seu exemplo e tantos outros. Vozes poéticas que ainda resistem, com seus duros grãos cabralinos, como o jabuti de Antonio Callado, que fez de escudo o crânio da onça que o atacava. Nossas onças internas e estrangeiras não recuaram tão cedo, espreitando-nos com sua ideologia de desinformações e manipulações. Mas a poesia desses jabutis liberta a língua de seus fascismos cotidianos, mostrando outras formas de pensar, estar e ser no mundo. O que se segue, então, é uma reunião de poemas que foram enviados para a revista ou selecionados devido à maneira pertinente com que tratam de assuntos relevantes para a contemporaneidade brasileira, por mais antigos que possam ser. Poemas variados, de autores diversos: uma verdadeira feijoada de grãos indigestos, em homenagem a Affonso Ávila, que nos deixou faz 10 anos, com seus grandes poemas, que andaram na contramão dos códigos de trânsito de sua época.

Nota

- 1 **Pedro Ávila** - poeta, tradutor, graduado em Letras pela UFF.

CADERNO DE POESIA RESISTÊNCIA: 10 ANOS SEM O POETA AFFONSO ÁVILA

ORGANIZAÇÃO E SELEÇÃO: PEDRO ÁVILA

CARTAS CHILENAS

Em que se contam os sucessos de todo o governo
de Fanfarrão Minésio, General de Chile.
Escritas na língua Castelhana pelo poeta Critilo.
Traduzidas em português, e dedicadas aos
Grandes de Portugal por um Anônimo.

Aos pobres açoitados manda o Chefe,
Que presos nas correntes dos forçados
Vão juntos trabalhar. Então se entregam
Ao famoso Tenente, que os governa,
Como sábio Inspetor das grandes obras.
Aqui, prezado Amigo,
Principiam os seus duros trabalhos. Eu quisera
Contarte o que eles sofrem nesta Carta;
Mas tu, prezado Amigo, tens o peito
Dos males, que já leste magoado;
Por isso é justo, que suspenda a história
Enquanto o tempo não te cura a chaga.

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

Final do século XVIII

NEGRO FORRO

minha carta de alforria
não me deu fazendas,
nem dinheiro no banco,
nem bigodes retorcidos.

minha carta de alforria
costurou meus passos
aos corredores da noite
de minha pele.

EU, PÁSSARO PRETO

eu,
pássaro preto,
cicatrizo
queimaduras de ferro em brasa,
fecho o corpo de escravo fugido
e
monto guarda
na porta dos quilombos.

ADÃO VENTURA

Extraídos de: ANTOLOGIA CONTEMPORÂNEA DA POESIA NEGRA BRASILEIRA,
organização de PAULO COLIMA. São Paulo: Global Editora, 1982. 103 p.

TANQUE

os rabos roliços fazem espuma
de pescadores e varas um festim
os robalos dançando na lama escura
quero robá-los dançando todos para mim

*

ondinhas verdes
e muitas braçadas
os lemes rasgando a água
são pênis de nadadores nus

ALAN CARDOSO DA SILVA

Extraído de: OBCENAS, primeira edição. São Pulo: Editora Patuá, 2022. p. 37

MOR,

sonhei com alguém,
talvez fosse você
sei que nossos filhos eram
crustáceos, tartarugas e corais
de um azul enegrecido-piche
como asfalto

Mor,
queríamos comê-los
mas grossos grudavam na garganta
impossível engoli-los
mergulhamos para salvá-los
mas o mar era piche
e colava em nossa pele - ardia

Mor,
talvez você fosse o pai
e tivéssemos filhos
como aqueles que soubemos ser
crustáceos, tartarugas e corais
enredados em piche
e escorregadios e tristes

Mor,
me mostre o azul escuro
aquele que olhamos de um recife ao luar
e sonhamos que nossos filhos
crustáceos, tartarugas e corais
por todo lado surgiam
madrugada adentro

Mor,
cadê os azuis matinais
onde mergulhamos com nossos filhos
e eles ainda puderam conhecer
crustáceos, tartarugas e corais
por todo lado surgiam
colares que decoravam os azuis
do recife de meus avós

CRISTINA ÁVILA

Croniquetas – simples, coloquial, piegas. Belo Horizonte: CS Cultural. 2022. p. 99

CONT OOS

URUTU

Vírgula estirada que apresenta o próprio veneno. se ela encontra o veio, graça a fome no campo vizinho. sua língua injetada faz a linguagem mancar.

(...)

JAVALI

Um tanto de nós na lagoa. um tanto seguros a remover ninfeias da margem. irmãos protegidos pelas ramas que vão na trilha da lagoa.

Um dardo, porém,

Desatina. Todos em disparada. Os de trás a superar os que

Adiante se adiantam sobre os próprios narizes. Não a quem se fie em apagar os rastros todos em disparada por temer a sentença que incendia o dardo.

O atirador não mira o primeiro nem o segundo, atingidos seriam esterco antes que o último se aviasse.

Para este o atirador guarda os olhos o calor o fim da descendência.

(...)

PACA, TATU, CUTIA,

Irmão, cavam o mesmo buraco para escapar ao fogo, mas não falam a mesma língua. Se o capão é a escola de todos, o mesmo não se dirá das gramáticas que lhes dão saúde.

Paca tatu cutia são hipóteses que escapam do cercado. Um livro sobre eles começaria com reticências.

EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

Extraído de: QVASI, segundo caderno. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 83-85.

A FELICIDADE ESQUIZOFRÊNICA DA INSATISFAÇÃO COTIDIANA

*“Sujo de terra e pranto
de terra e sangue...”*

Vicente Huidobro

o poema
que faço não é
o que quero

quero
o
silêncio
na
carne
o
gozo
na
língua
fim
do
fogo
sobre
o
sangue
que
veste
a
tarde
fim
do

sangue
sobre
o
fogo
que
veste
o
Sol
quero
um
resto
de
rio
nas
rugas
do
rosto
um
rasto
de
mel
no
rasgo
do
corpo

(teus olhos
ignoram
a
Água
e
a
parte
vermelha
da

noite

procuram

paisagens

repletas

de

ossos

jardins

repletos

de

círculos)

quero

versos

arrancados

dos

olhos

da

tarde

enterrados

no

Céu

da

carne

um

rio

de

gozo

no

rosto

do

Sol

um

resto

de

silêncio
no
rasgo
da
língua

(teus olhos
amanhecem
fechados

procuram
corpo
adentro
planícies
cremosas
eflúvios
íntimos

vestígios
de
fome
no
escuro
interior
da
boca)

o poema
que quero
não se
escreve
porque
de tão
leve
o

vento

leva

de

resto

lençóis

sujos

de

Dor

e

na

língua

um

gosto

doce

de

Eva

GARBO GOMES

Poema enviado para o Caderno poesia resistência – Revista Barroco Digital n. 2. 2022

ODE (EXPLÍCITA) EM DEFESA DA POESIA NO DIA DE SÃO LUKÁCS

(...)

poesia

te detestam

materialista idealista ista

vão te negar pão e água

(para os inimigos: porrada!)

- es a inimiga

poesia

(...)

poesia pois é

poesia

te detestam

lumpemproletária

voluptuária

vigária

elitista piranha do lixo

porque não tens mensagem

e teu conteúdo é tua forma

e porque és feita de palavras

e não sabes contar nenhuma estória

e por isso és poesia

como cage dizia

ou como

há pouco

augusto

o agosto:

que a flor flore

o colibri colibrisa

e a poesia poesia

HAROLDO DE CAMPOS

Extraído de: Melhores poemas Haroldo de Campos/seleção de Inês Oski-Dépré. São Paulo: Global. 200. p. 96-101

SOBRE O BRASIL

Sobre o Brasil
há provas contundentes que exista
ainda que não

DIÁSPORA

Meu povo morreu andando na estrada de pedra e Jerusalém.

Meu povo morreu caminhando no coração quente de New Orleans.

E enquanto o poeta profetizava no concreto
sobre a forte chuva que viria, a água molhava a terra, a semente, os vermes,
e os calos
nos pés escuros dos meus avós

SOBRE O AMOR

Sobre o Amor
não há realmente nenhuma prova que exista

Ainda que sim

JOÃO CARLOS PINHO

Extraído de: Talvez alguém esteja lendo isso agora. São Paulo: Editora Patuá. 2021. p. 51,52 e 95.

MIGNA TERRA

Migna terra tê parmeras,
Che ganta inzima o sabiá,
As aves che stó aqui,
Tambê tuttos sabi gorgeá.

A abobora celestia tambê,
Chi tê la na mia terra,
Tê moltos milliô di stella
Chi non tê na Inghlaterra.

Os rios lá sô maise grandi
Dus rio di tuttas naçó;
I os matto si perdi di vista,
Nu meio da imensidó.

Na migna terra tê parmeras
Dove ganta a galligna dangolla;
Na migna terra tê o Vapr'elli,
Chi só anda di gartolla.

JUÓ BANANERE

Extraído de: La Divina Increnca. Reprodução integral da primeira edição de 1915. São Paulo: Editora 34. 2001. p. 8

NO GOVERNO

“A seara é grande
Mas os lavradores são poucos”
Os gafanhotos são muitos

LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO

Extraído de: Pé de Página. Ouro Preto: Guilherme Mansur - Gráfica Mariana. 1995.

TEMPO V

Tempo demais ou de menos é o tempo
dos relógios, desde que naquele dia insano
perdida a inocência de Adão inventamos as horas e os anos.

O tempo dos povos da floresta é o tempo
dos animais da lua e do sol traçando órbitas
exatas e pontuais, marcando as fronteiras da noite - o tempo

das antas, tarântulas, corujas e morcegos -
com a manhã das araras, jacarés e jararacas
do voo das garças traçando no céu o sem tempo dos povos

das sarças, calendário do tempo intangível
das florestas que o proto-homem, um fruto
do ovo da Serpente cresta. Mitologias inteiras desaparecem

no rastro da paisagem branca das carcaças
calcificadas nas nossas retinas, trilhas cinzas
de animais retorcidos, cruel instantâneo da morte, petrificados,

as presas perdidas as aves paralíticas presas
ao chão num voo seco e sem asas, e o horror
diuturno da visão dos lábios finos espalhando perdigotos de ódio

cavalgando às gargalhadas entre labaredas
montado no dorso da morte. Seu ódio é inútil,
demente, as florestas calcinadas ecoarão no silêncio refletidas

nos espelhos de areia dos leitos dos rios secos,
os mitos sobreviventes vagarão por uma órbita
sem tempo sobrevoando um país esfacelado de horror, rastros

da vida recomposta nas carcaças dos carcarás
calcinados em voos famintos sobre o que restar
do seu corpo ainda vivo e dilacerando urubus
na disputa da sua carniça e lutando pelo espólio
do corpo de um filho da puta, luta sangrenta de rapinas espalhando
merda na memória do seu nome e no nome
dos seus filhos, batizados com sangue na pia
profana da sua boca. Bicos carniceros exalarão o hálito do seu hábito

da morte, voando sobre corpos abandonados
semeados sob o sol no solo estéril e deserto
sem enterro sem pranto sem o beijo das suas irmãs escondendo a dor

pelos seus polinícios que a gargalhada
do seu gozo de Creonte humilhou no ofício
do ódio, tecelão das mortalhas do abandono. Calma, canalha, espera

que uma nova Antígona renascerá da areia
e aprenderá como escarrar no seu rosto
com a força de metáforas que atravessarão o tempo enterrando irmãos.

DUAS PALAVRAS

Procuro a palavra precisa que defina o que sinto
quando me deparo com sua boca entreaberta: o hálito
exala dos jornais, o dicionário míngua, as palavras varejeiras

circundam o podre da sua língua dípteras saem
dos seus lábios finos vindas do estômago. Mais exatas,
reverberam e revelam ante o seu sorriso de lagarto esta náusea

que perfume algum, bálsamo, nenhum frasco afasta,
fedem, as duas pequenas palavras que o traduzem:

nojo

asco

9 MM

Seus dedos passeiam pelo metal, calmamente acaricia o cano entumecido do aço latejando nas mãos se entreabrindo o fruto de um outono de ódio e dor pelo beijo recusado, que hoje o faz salivar no esgar dos seus lábios finos o leite negado ao menino

que ainda o espera. É com o mesmo tesão com que mordisca freme no frame da arma entre os dedos rentes à empunhadura, dura escultura do amor oculto. Afasta o aço da memória e alça a alça de mira à orla da boca e lambe o orifício do cano retendo

entre os dentes o retém que o faz tremer como tremia de medo ante as ordens do dia da boca que berrava na fantasia do cano do aço firme que enfia na boca entreaberta que a língua enlaça passeia na memória opaca de um espelho. O Cão lubrifica o cão

da arma que sublima o desejo jamais revelado, sobe pela pélvis o tesão irrefreável da morte que faz vibrar em suas mãos o corpo não consumado. Guarda na boca o gosto do guarda-mato, gatilho que faz sonhar escorrer o estilhaço pelos dedos melados de porra

e pólvora, num rastilho da febre que vibra junto ao trilho das balas dentro do cano em brasa, frêmito dos desenganos não cicatrizados vertigem do cheiro do suor acre não derramado sobre seu sangue virgem, jamais vertido no gozo das casernas, oculto numa caverna

do passado. Por isso fascina sonhar com a morte do corpo virtual do alvo vestido de espirais, vertigem do sangue imaginário que vê escorrer, delirando a violência com que violará o corpo dos livros e as páginas das mulheres, o livro místico de Donne de mistérios

nunca revelados como se desvela os segredos do sabor do ferro que suga, chupa, passa na língua a liga de aço e carbono na arte da artilharia das armas que nunca fraquejaram como a sua. Sua soam os estampidos sem direção! Dedos descontrolados de tesão

giram gozam gritam no orgasmo de um disparo precoce. Sempre o gozo precoce, sempre o gozo da morte precoce dos que caem como pratos-pássaros e os patos de plástico abatidos no páthos doentio do tiro ejaculando estilhaços do chumbo nos ecos da dor

anônima que emana da multidão germinando os ovos de chumbo. Carinhoso, penteia os cabelos sem viço dos mortos, o corpo lasso pelo cansaço da carne satisfeita. Prostrado no abandono dormita ouvindo uma ópera cujo libreto incendiou-se antes do primeiro ato.

O FILHO DE NEFELE

Cem mil mortos.

Comecei a escrever este poema quando completamos noventa mil mortos pela pandemia, sabia inevitável, tal o descaso do facínora, que chegaríamos à triste marca de cem mil.

Por mórbida coincidência, chegamos aos cem mil no dia dos pais. E mal sabíamos quantos ainda chorariam seus mortos não enterrados.

(Quando terminei de escrever este livro já tinham sido mais de seiscentos mil mortos.

...

Néfele (Nuvem), na mitologia grega, foi um “éidolon” (imagem) de Hera, moldada de nuvens por Zeus para enganar Íxion, que perseguia a deusa .

Dessa estranha união entre Néfele e Íxion nasceram os centauros, seres monstruosos, bestiais e sanguinários, que se alimentam de carne crua.

De tempos em tempos nasce um descendente de Nefele e Ixíon.

Dois mil mortos,

não sou coveiro.

Cinco mil mortos,

e daí?

Quinhentos mil mortos

E agora?

o que dirá, mitômano, que não poderia ser coveiro,
que estes jamais cospem no rosto da dor. Elo perdido
proto-humano, não pode ser coveiro, eles carregam
os corpos em respeitoso silêncio, você traz o horror

entre seus dentes em estridentes alaridos. A morte
lamento, tampouco pode ser, pois ela permanecerá,
e sua memória será apenas a de uma história a ser
lembrada, um aprendizado do erro de uma escolha
Então, traste, quem é você afinal? O filho de Nefele
nefasto herdeiro de uma falsa mulher, um centauro
bêbado, um bastardo bestial e um serviçal da Morte
que o monta cavalga triunfante, tritura sob as patas

corpos sem velórios, enquanto você cospe nos olhos
dos órfãos a seiva do seu veneno, deixa no seu rastro
o adágio dissonante do horror que a morte maestrina
rege. Ah, carrasco, funde com as lágrimas os escarros
que seu escárnio nos atira ao rosto e faz uma mistura

lilás como a flor da dor não pranteadas, e com a borra
do nosso asco fermenta o mosto desse vinho que sabe
a vinagre e brinda com a morte sua herança. Bêbado

de ódio delira com as miragens dos esgotos da História
na dança macabra como memória da imagem do Cão
que você adora, aquele Belzebu fardado que com tesão
você cultiva e lustra, o malfadado nome que é rima rica

tão infamante que a ânsia cala, ajoelhe-se a seus pés
e beije seus coturnos, um lúgubre Brillante noturno
sobrenome das sombras das masmorras. Masturbe-se
com o a fantasia da felação da delação e da tortura

cicatriz que o tempo não sutura, hoje você gargalha
agora tem os seus próprios mortos, vai goza no cio
da sua boca imunda e no esgar do sorriso de lagarto
que engasga com a porra do carrasco, essa gosma

escorre dos seus lábios finos, fio dos rios de sangue
que nasceram da cultura da dor da Morte e da tortura.

O PARTO

Seis de agosto de 1945,
a sede de Satã bebe chuva
radioativa um lençol de mortos cobre o céu de Hiroshima.

Dez anos depois em vinte
e um de março de 1955,
escutou-se um trinado em trítono, tortura de um tenor

de uma ópera desarmônica
glorificando a dor. Outra vez
o Cão, com a sua voz cavilosa se aproximou e rindo
abençoou com urina o corpo
da mulher que urrava maldizendo
o parto desse lagarto sórdido que ante a morte gargalha.

LÚCIO AUTRAN

Poemas enviados para o Caderno poesia resistência – Revista Barroco Digital n. 2. 2022

OURO PRETO

Para Affonso Ávila

OURO PRETO
DE PRETO, A PELE
DE OURO, A CORJA
OURO PRETO
DE PRETO, A FORÇA
DE OURO, O ROUBO
OURO PRETO
DE OURO, O OUTRO
DE PRETO, O OUTRO
OURO PRETO
DE PRETO, O PESO
DE OURO, A MALA
OURO PRETO
DE PRETO, A BOIA
DE OURO, A JOIA
OURO PRETO
DE OURO, A CASA
DE PRETO, A RUA
OURO PRETO
DE OURO, O FÁCIL
DE PRETO, O FÓSSIL
OURO PRETO
DE PRETO, O FAZER
DE OURO, O PODER
OURO PRETO
DE OURO, O ALGOZ
DE PRETO, O FERROZ
OURO PRETO
DE OURO, A GANA
DE PRETO, O DANO
OURO PRETO
DE PRETO, A GANGA
DE OURO, A PANÇA
OURO PRETO
DE PRETO, A PROLE

DE OURO, O BANDO
OURO PRETO
DE OURO, A TRETA
DE PRETO, A LUTA
OURO PRETO
DE OURO, O SENHOR
DE PRETO, O PENHOR
OURO PRETO
DE PRETO, O AUDAZ
DE OURO, O SAGAZ
OURO PRETO
DE OURO, O BÔNUS
DE PRETO, O ÔNUS
OURO PRETO
DE PRETO, A CAUSA
DE OURO, O CAUSO
OURO PRETO
DE OURO, A SEDE
DE PRETO, A FALTA
DE OURO, A MORTE
DE PRETO, A VIDA
OURO PRETO
DE OURO, A MINA
DE PRETO, O SOLO
OURO PRETO
DE OURO, O CENSO
DE PRETO, A COTA
OURO PRETO
DE OURO, A BARRA
DE PRETO, A PEDRA
OURO PRETO
DE OURO, AS MINAS
DE PRETO, OS GERAIS
OURO PRETO
DE OURO, O MITO
DE PRETO, O CLICHÊ
OURO PRETO
DE OURO, O SINO
DE PRETO, A SINA
OURO PRETO

DE PRETO, O BELO
DE OURO, O EGO
OURO PRETO,
DE PRETO, A HONRA
DE OURO, A BRONCA
OURO PRETO,
DE OURO, A ALMA
DE PRETO, A LAMA
OURO PRETO
DE OURO, O VALE
DE PRETO, O ALVO
OURO PRETO
DE OURO, A RAZÃO
DE PRETO, O SONHO
OURO PRETO
DE OURO, A CELA
DE PRETO, A SELA
OURO PRETO
DE PRETO, O NEGRO
DE OURO, O MITO
OURO PRETO
DE OURO, A SUMA
DE PRETO, A SAGA
OURO PRETO
DE OURO, A LAVRA
DE PRETO, O LABOR
OURO PRETO
DE OURO, A FARDA
DE PRETO, O FARDO
OURO PRETO
DE PRETO, O PADRÃO
DE OURO, O PATRÃO
OURO PRETO
DE OURO, O ALTO
DE PRETO, O AUTO
OURO PRETO
DE OURO, O ROUBO
DE PRETO, O MOTIM
OURO PRETO
DE OURO, A GANA

DE PRETO, A CHAMA
OURO PRETO
DE OURO, O FISCO
DE PRETO, O RISCO
OURO PRETO
DE PRETO, O PAGÃO
DE OURO, O PAVÃO
OURO PRETO
DE PRETO, O MEDO
DE OURO, O TERÇO
OURO PRETO
DE OURO, A TRAIÇÃO
DE PRETO, A MISSÃO
OURO PRETO
DE OURO, A MATRIZ
DE PRETO, A RAIZ
OURO PRETO
DE OURO, O PRETO
DE PRETO, O OURO
OURO PRETO

MÁRIO ALEX ROSA

Poema enviado para o Caderno poesia resistência – Revista Barroco Digital n. 2. 2022

A LINGUAGEM RETORNA

(...)

ter em mãos ferramentas martelo
alicate
não saber mais habitar país alerta
nem obrar-lhe grandes obras
multiplicar-lhe pés
nem frequentar
suas lições de pedra nem d'água:

enferrujada a garganta de prata em
cobre e estanho estanho
e cobre:
em nada a prata suposta
em tudo a mudes
dos minérios:
nossos pais e herdeiros últimos.

que herdem tarde,

que as
mãos reaprendam suas ferramentas
e as frequentem::
o poema ainda é vivaind-
a

ontem prata, hoje estanho amanhã

MATHEUS GUMENIN BARRETO

Extraído de: Mesmo que seja noite. São Paulo: Corsário-Satã. 2020. p. 12.

AUGÚRIOS

Para W. B. Yeats

o mundo não está em bom estado
cada um enterra o que é seu
cada morte escolhida
oculta o restante

nem *as prateadas maçãs da lua*
ou *as douradas maçãs do sol*
sobrevivem ao mistério inquietante

o mistério no pouso do corvo
a floresta desesperada de sangue
a flauta, onde, na densa fumaça,
flutuam seus ossos

no acaso longo da vida
nada pode impedir
o perigo do agora
mesmo que tudo,
de algum modo, tenha um espectro trágico

calo os tempos difíceis
com a mesma nuvem
que resiste à violência

NATÁLIA AGRA

Extraído de: Noite de São João. São Paulo: Corsário-Satã. 2020. p. 52.

FOTOGRAFIAS DA IGREJA DA IMACULADA CONCEIÇÃO DE CATAS ALTAS DO MATO DENTRO

À distância

De algumas nascentes, pelas maravilhas
da Serra do Caraça teria descoberto
Saint-Hillaire

para ser vista e dominar distâncias
a Igreja de Catas Altas

Em direção à Serra singra mares de infinitos
a nave de calmaria

Branca visão

Vulto

E se o vento cospe tufos de tempestade
ninguém teme

a nave protege o povo
das catas altas

No sereno mar de pedra
ouro azul verde e prata navega
do tamanho de Deus
a Igreja que se retrata

Na praça

De tal vulto, a singeleza
— pão e agasalho do espírito —
mas o risco desta Igreja
o risco da Serra ou do mar

são linhas da mão de Deus
Procurai cinzas de arquivo
vestígio de letra no mofo
a graça de quem criou
daqueles que construíram
de tal vulto a singeleza
sem nenhum alto relevo
(olha com tanto enlevo
para algum ponto sagrado)
nem que fosse um pelicano
a cabeça de um dos anjos
Tal singeleza é essência
Outro empenho, desperdício
Ciência de criação leva
segredo mistério
(pelas cinco extremidades
de cada torre
— ó lembrança do Oriente —
cintila invisível!
a hóstia do Cosmos)

Aleijadinho e os anônimos

De Antônio Francisco Lisboa
contemplai o crucifixo
no altar da capela-mor

Ó mestre, onde não trabalhou
teu formão contemplo o esplendor!

Roubaram os papéis da Igreja?
(Apenas papéis roubaram?)
Que é de cada recibo
das pagas em ouro de lei?

Resgatai do esquecimento
o nome dos escultores
o nome dos encarnadores
o nome dos douradores
o nome dos pintores!

Bem da terra
salvação da espécie
passaporte para o eterno:
o homem de cada nome!

O interior inacabado

Revele-se o que não se vê:
Vede o gesto interrompido
e as fases da criação

Os doutores da Igreja à luz natural
O dia inunda a nave
de apenas tábuas rejuntadas
Gregório Ambrósio Agostinho
e Jerônimo suspiram diante
dos brancos emoldurados de silêncio
na capela-mor:

Esta Igreja inacabada
ensina arte e virtude
ostentação não faz reza
muito menos
louvação

Pousou a desafiadora beleza
no interior do Templo
Nos altares de ouro e mármore
também nos descarnados
carne
de incrível madeira dominada!

Os altares

Duas irmandades
guerreavam nos altares
A capela-mor quase ao cabo
invadem a nave da Igreja
cada lado é uma trincheira
fogo — a imaginação
desafio — a criação
Se a luxúria incrusta altar
no soberbo altar esquerdo
vai ao teto o altar direito
com feéricas figurações
Eram duas irmandades
seus altares são rivais
a desavença desenhou
as soluções desiguais
que no mar de paz da nave
se pacificam m beleza
Seria tratado de paz
concordar com o mesmo púlpito?
Eram duas irmandades:
(Que é do fruto das almas?)
ao lado de ouro e pompa
oferenda de discórdia
Agora em brumas de histórias
cinzas de esquecimento
refulge a ira de Deus
na inconclusão dos altares

Os Anjos

Em vez de andorinhas aos bandos
ou se algum Noé desta nau de tesouros
fizesse entrar a legião dos Anjos

Triunfam na Glória da Imaculada Conceição
ao lado das três Virtudes
do Pai do Filho e do Espírito
na aura de todos os Santos
os Anjos de Catas Altas

Um segura o teto e o lustre
em face e corpo de espanto

Força de muita gordura
Anjinhos sustentam colunas

De leveza muitos outros
esguios apolíneos no espaço
carregam imaginações

Acendem as tochas da capela-mor
de “biscuit” estão no púlpito
voam Anjos pela nave um conduz a Eucaristia
vão ao sonho das crianças asas de pombo
e pelicano

Voam por todo o sempre
os Anjos de Catas Altas

O Senhor dos Passos

Rosto de paixão humana
espectável na divina dor
face de desejo
beleza e pecado
Puro
Santo
Casto
o Senhor dos Passos

Um fantasma

De ouro ornado
veste a cor do tempo
desfolha o padre
os Evangelhos Sagrados

Triste visão de esplendor:
a rica palavra em vão
no púlpito branco —
seguem viagem, os fiéis
na encantada
nau dos Anjos

OSWALDO ANDRÉ

Poema enviado para o Caderno poesia resistência – Revista Barroco Digital n. 2. 2022

O JUÍZO FINAL

(...)

Pacu. Tucunaré. Tambaqui.

Pirarucu.

Castanhas de caju.

Esfaqueei o adolescente preto.

Joguei querosene e pus fogo.

O cheiro não estava tão mal.

Burn, baby, burn.

Detesto arroz com pequi.

Gosto do mar à noite. E da ponte.

Um trem para Nairobi,
um trem para madagascar.

Os japoneses levam tudo a sério.

Os comunistas não têm senso
de humor. Em Bauru, a grama de
pó custa seis reais.

O dólar é o Deus do mundo.

(...)

As garotas gritando pros Beatles.

Nem Hitler conseguiu coisa assim.

O encouraçado Potemkin.

O legista retira minhas vísceras.

Os melancólicos herdarão o mundo?

É deles o resgate do ser?

Self-made-man.

Os palestinos são os judeus dos judeus.

Literatura e forno crematório,

No campo de concentração.

(...)

OTÁVIO RAMOS

Extraído de: O Juízo Final. Sabará: Edições Dubolso, 1997.

GUANABARA: UM MAPA DESCRITIVO

o carnaval é uma convalescença
a baía de guanabara é bela
pelos dentes an-
gulosos—arranha-céus
de boca—de banguela

todo mundo samba cego nela
—édipo de bengala
—abadá: traje de gala—
—lá gallus gallus não cantam manhãs
urubus almoçam carcaça-
moça de sacoplástico e tar-
ta-
rugas na areia suja

por onde surgem andarilhos fugentos
pulgentos guabirus retirantes
rattus rattus alados
primogénitos a correr o fado
multiplicados por pi
-xels mal roenderizados
Amália Rodrigues pia com a guitarra
num disco roído e arranhado

devido à poeira e aos ciscos
suspendidos pelos sismos
das cismas de fragatas gringas
gritando noutra língua—
turistas atrás de encher a boca aqui

de salgados peixes cérberos ali-
mentados a lenga-lengas—
—tendo de 7 barcas zarpado—
sem aguentar os 40 degraus Celsius
do chão de grãos degra-
dados jogados ao azar—do sol-
o de proto-vidro

praia infectada en-
festada de bichos mutantes
fresta de sol que cresta a pele
fukushima antropixelista
ilha de lábios radioativos
ósculos torpes miopes
se s(us)-
urrando hulk de dor

um fudum só

PEDRO ÁVILA

Extraído de: <https://casulosblog.com.br/guanabara-um-mapa-descritivo-por-pedro-avila>
2019

JENIPAPO E URUCUM

preto e vermelho
presentes dos antigos

tintas árvores
nos corpos escritos

páginas ao vento
cores dos licores

urucum do rubro vivo
pelo brasil afora

jenipapo preto
retinto
guarda um segredo

todos os humanos
incorporam
listram uniformes
vestem totens

RAFAEL FARES

Extraído de: *Árvore Nômade*. Belo Horizonte: Impressões de Minas, 2019. p. 45.

ÁLBUM DE FAMÍLIA

Meu pai viu *Casablanca* três vezes (duas
No cinema e uma na tv). Meu avô
Trabalhou na boca da mina. Meu bisavô
Foi, no mínimo escravo de confiança.

RICARDO ALEIXO

Extraído de: *Pensando demais para a ventania* – Antologia poética. São Paulo: Toda Via. 2018. p. 46.

DENTIÇÃO

Luis XIV nasceu com dentes.
Quatorze dentes, suponho

Sua mãe, don'Ana, teria perguntado:
Para que tanto dente, real herdeiro?
Luis não respondeu, sorriu
Com sua boca cheia de dentes.

Dentistas vieram d'Áustria
Fizeram prognósticos, aplicaram flúor
Recomendaram escovas de cerdas curtas.

Luis XIV, comenta-se
Teve febres intrauterinas, tosse
Mordeu o cordão coçando gengivas.

Nasceu carnívoro.
Como os monarcas.

RITA ESPESCHIT

Extraído de: Lua Gorda. Sabará: Edição do Bolsinho, 2012. p. 29.

A POETISA

para Hissa Hilal, poeta beduína

Um dia não tive rosto
Em outra vida fui beduína
Não recebi moedas ao lavar a lâmpada
nenhuma paga que valha o óleo
queimado nas mãos
Um dia fui beduína aos 43 anos
e meus cabelos louros eram castanhos
com fios brancos sob o niqab negro

Porque também fui beduína
poemas foram queimados
divorciados de mim
debaixo das patas
dos cavalos

Na areia
minhas pegadas são réstias
que resistem

Do couro solado à imagem gasta
de uma boca nunca vista
uma língua vaza
pela fresta

Porque fui beduína
nascida com o dote
da palavra atribuída
à má sorte
Entre estacas provisórias
– escora
para cordas curtas

As letras escritas por minhas mãos
pojaram de uma cana fendida
o leite de pedra
de peitos nunca vistos
e alentaram palavras consoantes
num papel sobre os joelhos
enquanto homens bebiam chá
e riam
à sombra
das tendas de frisa

Beduína, agora levanto o véu
da alma
com a voz do vento
sem trégua

Um eco
centelha no deserto –
rasga a burka do medo
na fenda de um niqab negro

THAIS GUIMARÃES

(Prêmio Off-Flip 2019)

Poema enviado para o Caderno poesia resistência – Revista Barroco Digital n. 2. 2022

AH!FONSO

(In memoriam)

*Em nome do pai, do filho e do espírito,
eu me identifico, hóspede da rua
Cristina, 1300,
residência do poeta*

*Em nome do pai, do filho e do espírito,
eu me identifico, hóspede da lua,
Cristina, Myriam, Mônica, nos passos*

*da paixão, e do amor em cada, em quanto,
de André e Victor, Eduardo e Miguel,
Nathalia e Gustavo, Pedro e Isabel*

*Em nome do pai, do filho e do espírito,
eu me identifico, hóspede da tua
poesia, Cantaria,
e em cada braço te abraço*

*Em nome do pai, do filho e do espírito,
eu me identifico, hóspede da rua
Cristina, 1300, eu me*

*identifico, nome de poeta,
e a cada Cláudio me enforco
e em cada Affonso te canto*

CLÁUDIO NUNES DE MORAIS

Poema enviado para o Caderno poesia resistência – Revista Barroco Digital n. 2. 2022



23 FEV 1952

o verde vede a casca rubra

chamando o alvéolo a que cubra:

Puros e nus os corpos como as almas

de sabor degustante a cio

de apetite e escapante vianda

os corpos como as almas

alfa de gozo ou precipício

na cidadela de Ávila a uma trasmontante demanda

a uma trasmontante demanda

Êxtases de Santa Teresa a refuga o dente ou intermédio

de apetite e escapante vianda

(silêncio barroco

Flor de seda

em Javeira) algo assédio

e refuga o dente ou intermédio

de seda

enquanto não madura a tez

e do agora assezonou a vez

1952

ruros e las

na cidadela de Ávila

(silêncio barroco

Isabel Ávila - ilustração para o poema "AH!FONSO" de Cláudio Nunes de Moraes